

INTRÓITO OU COMEÇO DE NÁUKRATIS, LIVRO DO NAVIO OU MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS DE UM NAUFRÁGIO

Escrito por Anna Kálister Perena (pseudônimo de Fabíola Menezes de Araújo)¹

Náukratis, colônia grega, 600 antes de Cristo.

Sede de um encontro entre deuses.

Por que neste “Livro do Navio”, como chama a Marinha Mercante Brasileira,

Eles renasceram?

Para que outros registros capazes de testemunhar naufrágios apareçam

Para que, mesmo estando eu ausente, e o navio naufragado, consiga o povo aqui denominado afro-egípcio superar as desumanidades, e as intempéries.

A fim de tornar mais forte o desejo

De que o respeito e a Justiça sejam, escrevo.

Themis ou Nêmesis?

Dirão-me vocês depois.

Aqui, ou em outros universos.

Não se nasce escravo. É-se escravizado. Há sete anos, o antiquíssimo chão de tábuas da Universidade foi palco de nosso primeiro encontro. Quando vi, pela primeira vez, a morte nos olhos de um homem, não me considerava negra; tampouco vítima de colonialismos. Cega eu era. Em 2010, as únicas testemunhas da violência e do desprezo — a fonte seca e os azulejos brancos da Universidade Federal do Rio de Janeiro — ainda não haviam surgido sob a insígnia da escravidão. Somente em outubro de 2017, quando este livro recebeu o título provisório de *Sete anos de escravidão* que eu pude realizar que havia sido escravizada.

Quando aconteceu este primeiro encontro com a morte? Foi quando a condição financeira de meu futuro profissional dependia de eu me tornar professora universitária. Tinha vinte e oito anos quando os meus ancestrais não existiam, e, embora eu não soubesse disto, eu tampouco existia. Não existia a

¹ Pos-doutoranda na ECO - UFRJ. Doutoranda pela PUC- Rio em Filosofia Antiga. E-mail: confabulando@gmail.com

Rainha Nzinga, nem os cristais de luz que esta Deusa sabe exaltar. Foi quando aprendi *que querem ao som do atabaque silenciar. Como, quando, e por que* querem silenciar-nos? Muito antes dos azulejos brancos em que negros puxam carroças virem a existir, alguém julgou que estes mesmos negros jamais viessem a se rebelar. Pois eu estou aqui, a me rebelar.

Quando estudante, cri que apenas uma pesquisa de alto nível fosse suficiente para me tornar professora universitária. Quando não existiam irmãs e irmãos de luta, não sabia que me resguardar era mais importante do que uma pesquisa de alto nível. Quando me vi roubada em minha inocente ingenuidade; no meu mais íntimo traída, escorraçada, vi que eu não tinha como lutar sozinha contra uma História que insiste com uma força sobre-humana para nos colocar em um lugar da subalternidade. Ingênua, aprendi que a liberdade são asas que causam inveja. Foram dez anos de escravidão, e ainda hoje não sei de quem foi a culpa... porque a culpa pode ter sido minha!

A fim de fazer ressoar um canto de redenção, escrevo. Por ter comigo divindades que sinalizam somente para a beleza, e que me ensinam a falar tão somente a verdade, não me calo. Consinto que as divindades falem em mim. O que sei, aprendi, é que a mais alta sabedoria da nossa Terra ainda está ausente de nossas Universidades. O aprendizado do respeito que cada ser humano merece, colhi não na seara de uma Academia Europeia mas junto a um solo que tem sido usurpado de sua soberania por muito muito tempo.

A física newtoniana, em seu Princípio da Impenetrabilidade, considera que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Tolice. Por milênios, pelo menos, deuses habitaram mulheres e homens, terreiros e toda espécie de lugares santos.

Se perdi o meu encanto pela Europa, por esta Civilização, foi por causa de lá terem se esquecido de que os deuses precisam ser escutados para poder ser em nós. Todas as culturas que cultivam o sagrado, o prezam com devoção, possuem base oral. Foi por causa de um homem branco que me dei conta da inépcia

européia para reaprender o cultivo do sagrado. O homem que se fez habitar em mim, **independente de meu querer**, por dez anos, ainda hoje não enxerga as maldades que faz. A própria inépcia para o sagrado, ele não enxerga. Segundo Aristóteles, personagens sórdidas não dão boa poesia, por isto, alerta: isto aqui não pode ser considerado boa poesia.

No súbito de um grande desarvoro, quando *endemoniado*, o homem aqui chamado "C." chega a justificar a escravidão a que me submete, a violência cometida contra mim, como de minha inteira culpa. A tranquilidade perdida, ele a busca resgatar abusando de mim — física e psiquicamente. Neste livro, conto como aconteceu de eu, brasileira, vir a ser tornada refém de um cidadão europeu.

Às vezes, quando acordo, vejo o meu ventre sendo possuído. Aí fico possessa, e a morte passo a desejar. Atiro-me em banhos frios, rezo, e tiro suas garras de mim, uma por uma. Persisto na escrita de uma obra que possa nos salvar. Conseguirei?... Resisto enquanto posso, por vezes durmo em pé, atenta desejo ficar, mas sempre desfaleço, fatigada, subjugada. Dormindo, o que acontece? Só pude parar para pensar nisto cinco anos depois de o ter conhecido.

Desde 2015 aprendi a me deixar ficar, em atônito silêncio, fingindo-me de morta. Quando ameaças volto a ouvir, busco me resguardar. À primeira vista, o *homem* fica possesso. O medo de ser denunciado o apavora. Aí ele se droga. Não é fácil. Antes eu tinha medo. Quando aprendi a dar cabeçadas nele, nos vimos numa guerra diária. Demorei a aprender que o maculelê dava um jeito nele. Mas o desarvoro dele sempre volta. Rezo para a doença dele passar. Suponho que este livro possa entrar em uma garrafa de vidro, atravessar o oceano, e salvar vidas que pelo mesmo desarvoro também possam estar passando.

Desde o ano de 2000 vinha sendo aconselhada por meus melhores professores a procurar pesquisadores estrangeiros. A fim de dar uma guinada em minha trajetória profissional, pesquisava professores com quem tivesse afinidade. Jovenzinha ainda, tonta, em sonhos de altos magistérios. Como pude acreditar em conselhos de homens?! Mas aprendi: que apenas professoras-mulheres estão a salvo do mau-caratismo que graça no universo carcomido pela Técnica.

Em 2010, por ocasião de um doutorado, já tinha certeza de que apenas obtendo uma bolsa de doutorado no exterior conseguiria galgar alguns degraus no universo acadêmico. O pensamento de Heidegger e a obra de Freud eram *mais do que referências* para mim: como vestes. Depois de dois anos de doutorado, este meu sonho passou a soar como uma obsessão: a condição de meu existir como filósofa estava em ganhar, ou não, uma bolsa destas de estudo. Para exercer o magistério superior era indispensável uma bodega de uma formação fora do país. Por quê?

Dez anos se passaram, e percebo que não é mentira que nós brasileiros temos muito a aprender, mas que temos ainda mais a ensinar. Em especial sobre os corações onde habita o trevoso cruel coração de colonizadores. Em suma: em função de em mim a escravidão se fazer habitar por tanto tempo, creio que posso falar desta urgente necessidade - de alcançarmos a libertação de todos os povos. Poderão ver como neste livro a escravidão ainda insiste, me levando a descrever da filosofia como método de libertação, e até a crer em uma sepúlveda existência como única saída para a nossa atroz história. Poderá se fazer destes escritos uma filosofia? Não sei, como referido, passei a duvidar da filosofia como caminho de libertação.

Sei que foi por causa da Eminentíssima Filosofia Europeia repetida nas Academias Latino-Americanas que demorei a enxergar o óbvio. Mas aprendi.

Nós, índias e índios, negras e negros, encantadas e encantados, deusas e deuses da floresta, aprendemos a resistir porque volta e meia nos é roubado tudo. Por causa de outras visões de mundo, sempre tacanhas por não conseguirem extrapolar os limites do ego, a sabedoria salvífica de nossos ancestrais ainda é reiteradamente ameaçada de extinção.

Os aprendizados conquistados — o como superar os mecanismos de subjugação e algumas técnicas de cura — estão aqui, e querem ser transmitidos. Quis um homem que morreu por nós que fosse assim: que da mais cruel aniquilação brotasse uma mulher disposta a matar e a morrer por seu povo.